Meus caros amigos ()*

Tantas e tão suaves emoções tenho experimentado, nestes ultimos dias, que a minha capacidade de resistencia já se vae completamente esgotando. Servindo-vos do pretexto da minha investidura nas honrosas funções de professor de direito, deixastes que sobre a minha cabeça se derramas-se a cornucopia de vossas graças. E, não satisfeitos com as abundancias de vossa alma, com que suppristes a deficiencia do meu merecimento, culminaes, nesta tarde memoravel, em torno desta mesa, prestando ao vosso pobre amigo e companheiro uma homenagem, que vale por uma consagração.

Bem sinto que a minha humildade não justifica tão grande acontecimento. Nem a cathedra, a que acabo de subir, poderá ter realizações tamanhas, para explicar a fidalguia do vosso gesto. Creio bem que a vossa estima, tão cordeal e tão intima, quiz trazer-me um incentivo no inicio da minha carreira de professor, animando-me, dentro do meu apoucado merito, para que possa melhor desempenhar-me da missão que me propuz. Quizestes dar-me, com este almoço, o testemunho publico da vossa solidariedade e afirmar-me, uma vez ainda, que eu nada posso temer, porque vós estaes commigo.

(*) DISCURSO proferido pelo doutor Ernesto Leme, na homenagem que lhe foi prestada no "Automovel Club", a 19 de março de 1934, por motivo de sua nomeação para professor catedrático de Direito Comercial, da Faculdade de Direito, em resposta á saudação do professor José Manuel de Azevedo Marques.

A vossa delicadeza e a vossa longanimidade foram buscar, no mais intimo de vossos corações, o nome daquelle que deveria ser o vosso interprete, no dia de hoje. E delá saíu, com o prestigio de seu magisterio, de sua sciencia, de sua austeridade, de sua gloria, o mestre querido de meus tempos de Academia, o mestre venerando, em toda a minha actividade e agora o primeiro dos lidadores do fôro paulista, como bastonario da Ordem dos Advogados.

O nome do notavel jurisconsulto, parlamentar experimentado e chefe da chancellaria brasileira, num dos periodos mais fulgurantes da nossa vida diplomatica, é tão velho, na historia do direito em São Paulo, como velha é a nossa Faculdade. Entre os trinta e tres alumnos de Avellar Brotero, no curso inaugurado a 1.º de março de 1828, encontramos os dois irmãos Azevedo Marques, Manuel Eufrasio e Antonio Mariano, o ultimo dos quaes, numa precocidade admiravel, o bispo d. Matheus de Abreu Pereira encarregava, aos onze annos, de leccionar latim na vetusta Sé de nossa Capital.

Vale isso, sem duvida, por uma predestinação. Oitenta annos mais tarde, na mesma Casa, em que esses dois mancebos tinham sido discipulos, ensinava direito e civismo, á geração de estudantes que por ali passava, o professor José Manuel de Azevedo Marques.

Não tive a fortuna de encontral-o na cathedra, que tanto enalteceu, ao tomar posse, ante-hontem, da minha cadeira. A auréola que brilha em sua fronte de mestre permanece, porém, imarcessivel. Continúa a ensinar a juizes e a advogados, aqui fóra, com o mesmo fervor com que preleccionava lá dentro aos academicos. E é um homem de tal póрте, que desce do throno em que se assenta, na admiração de seus contemporaneos, para vir dar a mão ao seu alumno de outróra, ao seu discipulo de sempre, afim de que elle possa, sem temores, iniciar a singradura por mares que ainda não conhece.

Buscou sua excellencia descobrir em mim os loiros que já pudesse ter alcançado na vida. Não os encontrou. Não.

poderia encontral-os. Da corôa que lhe ennastra a cabeça peregrina tirou, então, as rosas mais vivas e mais perfumadas, para estendel-as sobre mim. Do barro imprestavel soube o artista extrahir, porque feita á sua imagem e similhaça, uma estatua perfeita. Contemplais embevecidos a obra, quando todo o merito é do estatuario que a plasmou, aprimorou-lhe os contornos, deu-lhe o sopro de vida e a marca da eternidade.

A missão que ôra assumo e á qual hei de consagrar todas as minhas energias, é bem ardua, porque cheia de responsabilidades. Vou occupar, na Faculdade de Direito de São Paulo, ao lado de Waldemar Ferreira, uma das cathedras de Direito Commercial.

Lanço os olhos para o passado e vejo, neste seculo decorrido, ensinando essa disciplina, em nossa escola juridica, uma verdadeira galeria de titans: Clemente Falcão de Souza e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Brasílio Rodrigues dos Santos, Brasílio Augusto Machado de Oliveira, Gabriel José Rodrigues de Rezende, Frederico Vergueiro Steidel, Octavio Mendes...

As sombras que povoam essa cadeira descem sobre ella como uma bençã. Os olhos paternaes dos antigos occupantes voltam-se, ternos e acolhedores, para o novo professor da materia. Mas, aos ouvidos deste, habituados a perceber todas as resonancias daquellas paredes venerandas, chega a voz severa de cada um delles: "Ai de ti se não souberes mostrar-te digno da herança que recebes!"

E, estonteado e medroso, vejo que desfila, pelos geraes do antigo convento, a caravana dos lentes já mortos: Falcão Senior, a physionomia fechada, o olhar penetrante e agudo, trazendo, no fundo do peito, um segredo jamais revelado; Antonio Carlos, portador de um nome que é um symbolo da nacionalidade, terçando armas, com seus alumnos, na "Loja America", em torno da questão servil; Brasílio dos Santos, de uma eloquencia seductora, preocupado com os lineamentos da Constituição da nascente Republica; Brasílio Machado, alto e majestoso, a fronte escampa, artista da palavra, que tinha em seus labios mágicos encantos; Gabriel

de Rezende, a barba nazarena o olhar sereno a boca sempre aberta num sorriso de bondade; Vergueiro Steidel, grave no falar, rosto fechado para os que não o conheciam, coração franqueado a todas as amizades fieis; Octavio Mendes, empurrado em sua cadeira de paraplégico, cujas carretilhas provocavam um som cavo nos corredores, testemunhas da sua assiduidade e do seu sacrificio...

A caravana se perde ao longe na bruma, que se esgarça. O sol volta a doirar as lages do pateo. Sobre o tumulto de Julio Franck, um passaro se assenta, entoando lóas á vida.

Mas, eis que aos meus ouvidos retine o som do sino da Faculdade. E eu me lembro da primeira vez que ahi entrei, cheio de uncção religiosa, em março de 1915. Ia prestar meus exames de admissão. Mais alguns dias e o sonho de tanto tempo se transformaria em realidade. Poderia dizer, então, com Fagundes Varella:

Mas, tenho o nome inscripto entre os alumnos
Da Escola de São Paulo, e é o quanto basta...

E os meus cilios, sem o querer, se humedecem... Por onde andarão todos aquelles moços que ali encontrei naquella dia, os que se esgueiravam pelos cantos, desconfiados e os que, já donos da Casa, nella se moviam desembaraçadamente, á cata de caloiros, para trotear?

Deus o sabe... Muitas cabeças embranqueceram, muitos olhos já se cerraram para sempre. Em logar delles, outra mocidade ahi se acha, a qual tambem dali sairá, em breve, para dar logar a uma nova geração de estudantes... Assim é a vida...

Um dia, muitas folhas do livro da existencia já tinham sido voltadas. A cidade crescera espantosamente. Tudo mudára em torno. Só não mudára a velha Academia, onde ha mais de cem annos se cultúa o direito.

Febril agitação sacudia todas as ruas. Grupos se formavam em todas as praças. Havia os que curvavam a cabeça, pensativos. E os que exultavam, frementes de enthusiasmo.

Pouco após, os trajes civis dos estudantes desapareciam. Raros jovens ainda se encontravam nas ruas, com a roupa costumeira de trabalho. E aquella casa vetusta, que ha quasi tres seculos foi ali erigida, para tão gloriosos destinos, começou a despejar, pela porta principal do edificio, legiões de soldados: o culóte preso nas perneiras, a blusa kaki, em que mãos piedosas de mulheres paulistas collocavam os santos de sua devoção, o gorro de campanha, cobrindo aquellas cabeças sagradas dos soldados da Lei. A pasta de estudos, jazia a um canto abandonada. Em logar della, os heroicos rapazes sopesavam o fusil, que haviam de empunhar corajosamente na trincheira.

Mas, os estudantes não iam sózinhos. E a Academia abrigou, então, além de seus filhos, homens de todas as edades e de todas as condições, dispostos a verter o seu sangue pelo paiz natal.

O academico de 1915 penetrou de novo aquellas arcadas amigas. Acorados, na area central, voluntarios apresentavam as suas mochillas, entoando hymnos patrioticos. Por todos os cantos, espalhados, apetrechos de guerra. Surgia de um dos corredores do fundo um grupo de recrutas, marchando. Adextravam-se nos exercicios essenciaes, armavam-se e seguiam. Quantos delles não deveriam voltar! Quantos outros trariam no corpo as marcas de seu devotamento e de seu heroismo!

O antigo estudante fôra tambem fazer-se soldado. E foi com um dos batalhões nascidos na Academia, que elle partiu e lutou.

Podeis por isso aquilatar, meus senhores, da commoção que óra me toma, retornando á Faculdade de Direito, não já como alumno, não já como voluntario, mas, como professor. A historia daquella Casa é, tambem, um pouco a minha historia. No egoismo humano, eu nella procuro um pouco de mim mesmo: as illusões de meus dezoito annos, os sonhos da minha mocidade, a saudade de muitos amigos dilectos.

A' sombra daquelle tecto acolhedor, Deus queira possa eu envelhecer. Mas, por mais que me corram os annos, sejam quaes forem os balanços, que me reserve a vida, a lembrança deste dia maravilhoso, em que tambem se commemora o quarto centenario do santo padre José de Anchieta, jamais se apagará de meu coração. Nelle inscrevo, meus bons amigos, com letras de oiro, os vossos nomes carissimos. Recebei a expressão de meu sincero reconhecimento.